

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 - Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins  
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC  
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



# Índice

- 15 Prefácio  
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)  
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais  
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo  
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado  
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)  
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)  
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras  
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat  
Mário Monteiro / Anabela Joaquinoto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)  
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira  
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)  
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»  
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?  
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça  
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)  
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoia 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular  
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas  
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)  
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias  
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente  
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal  
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)  
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ( $\Delta^{13}C$ ) em sedimentos de sítios arqueológicos  
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maçãs (Sintra)  
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)  
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida  
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar  
Ana Cristina Ribeiro

## 2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto  
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR  
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo  
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022  
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português  
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)  
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros  
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave  
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio  
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro  
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro  
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)  
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)  
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)  
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.  
Francisco B. Gomes
- 575 Arquiteturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands  
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR  
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

### 3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”  
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio  
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)  
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)  
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica  
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminiium*  
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022  
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das ações do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco  
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela  
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)  
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia  
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café  
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)  
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n<sup>os</sup> 8/10  
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio  
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)  
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial  
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana  
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção  
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)  
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)  
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas  
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal  
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)  
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo  
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários  
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira  
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana  
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*  
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso  
Gil Vilarinho

#### 4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)  
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)  
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo  
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas  
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico  
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média  
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus  
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra  
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora  
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra  
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)  
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna  
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)  
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material  
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas  
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

## 5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva  
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino  
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende  
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno  
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro  
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno  
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)  
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)  
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre  
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal  
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)  
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias  
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa  
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso  
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada  
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso  
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação  
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha  
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama  
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa  
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)  
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia  
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)  
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)  
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)  
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares  
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa  
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)  
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?  
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora  
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação  
Patricia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)  
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade  
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz  
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria  
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

## 6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal  
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)  
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação  
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)  
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora  
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX  
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama  
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José  
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidade*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenheiros (Ilha de Santiago)  
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades  
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão  
Joel Santos / Susana Pacheco

## 7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica  
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio Garcia Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa  
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa  
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarde Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa  
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)  
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).  
Informação empírica e hipóteses interpretativas  
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)  
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)  
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes  
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)  
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

## **8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática**

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde  
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico  
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história  
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas  
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023  
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo  
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos  
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)  
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica  
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória  
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa  
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade  
Florbela Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?  
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte  
Pedro da Silva / Inês Moreira

### **9. Historiografia e Teoria**

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface  
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História  
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia  
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal  
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema  
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego  
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica  
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses  
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos  
Célia Nunes Pereira

### **10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património**

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica  
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos  
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino  
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**  
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovélico***  
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**  
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**  
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**  
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**  
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**  
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**  
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**  
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**  
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**  
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umhas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**  
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**  
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**  
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**  
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**  
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**  
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos



# UMAS TERMAS DEBAIXO DOS VOSSOS PÉS: O PROJETO DE ESTUDO E VALORIZAÇÃO DO CRIPTOPÓRTICO ROMANO DE LISBOA (CRLx)

Nuno Mota<sup>1</sup>, Ana Caessa<sup>2</sup>

## RESUMO

O Criptopórtico das Termas Portuárias de *Felicitas Iulia Olisipo* (conhecido como as “Galerias Romanas da Rua da Prata”), descoberto durante a construção da Baixa Pombalina que se seguiu ao terramoto de 1755, era o mais antigo e mal interpretado *ex-libris* da cidade romana de Lisboa.

Aproveitando a dinâmica de reabilitação urbana na capital surgiu a oportunidade de desenvolver um Projeto de Investigação Plurianual em Arqueologia (PIPA), o “Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa” (CRLx), promovido pela Câmara Municipal de Lisboa (CML) entre 2016 e 2020.

Em 2023 é tempo de fazer um balanço do trabalho realizado e de avaliar o futuro do monumento e da sua fruição pelo público.

**Palavras-chave:** Arqueologia Clássica; Arquitetura Romana; Termas Portuárias; Balanço do Projeto.

## ABSTRACT

During the construction of downtown Lisbon after the 1755 earthquake, the *cryptoporticus* of the *Felicitas Iulia Olisipo* port baths was discovered. This area, also known as the “Roman galleries of the Rua da Prata,” has been the oldest and most misunderstood landmark of Lisbon’s Roman city.

The urban rehabilitation in the capital city led to the opportunity to initiate a multiyear archaeology research project called the “Lisbon Roman *Cryptoporticus* Research and Valuation Project” (CRLx) under the promotion of the Lisbon municipal government between 2016 and 2020.

By 2023, the fate of the monument must be evaluated while ensuring public enjoyment.

**Keywords:** Classic Archaeology; Roman Architecture; Port Baths; Project Review.

## 1. CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

Apesar do interesse despertado nos investigadores, logo desde a sua descoberta e da bibliografia produzida sobre o monumento, de que se destaca o estudo minucioso realizado por Augusto Vieira da Silva (1934, pp. 19-29), até aos finais do século XX, quase tudo o que se tinha opinado sobre este edifício subterrâneo abobadado baseava-se nos levantamentos feitos nos séculos XVIII e XIX e nalguns trabalhos de picagens parietais realizados no interior das galerias visitáveis, nos finais do século XX, por iniciativa

do então Museu da Cidade.

As galerias foram sendo sujeitas a várias interpretações hipotéticas, algumas ainda com devotos seguidores<sup>3</sup>. Resumindo, porque estavam inundadas e a água parecia brotar naturalmente do chão, e porque nas proximidades aparecera o pedestal com inscrição dedicada a Esculápio, deus da medicina, foram

3. Historial de registos e interpretações sobre o monumento em fase anterior à obtenção de evidência arqueológica recente em Mota & Martins, 2018, pp. 78-101; Caessa & *alii*, 2020, pp. 72-91; Caessa & Mota, 2023, pp. 219-229.

1. Câmara Municipal de Lisboa / nuno.miguel.mota@cm-lisboa.pt

2. Câmara Municipal de Lisboa / ana.caessa@cm-lisboa.pt

identificadas, nos séculos XVIII e XIX como parte de um edifício termal. Edifício balnear, com funções terapêuticas ou não, foi a interpretação que a bibliografia produzida em grande parte do século XX seguiu. Esta interpretação de balneário terapêutico foi posta em causa pela verificação do estado de conservação das galerias (são as fissuras no edifício que permitem a entrada da água) e pelo resultado das análises da água que as inunda (a água não é medicinal e pertence aos veios freáticos que atravessam a Baixa lisboeta). Houve também quem propusesse para o edifício a função de cisterna desde as suas origens.

A interpretação mais consensual, desde os fins do século XX, é a que defende que se trata de um criptopórtico romano, solução de engenharia usada para vencer declives ou construir em terrenos instáveis, criando plataformas artificiais e funcionando como alicerce a outras estruturas. Que estruturas assentariam sobre o edifício subterrâneo é outro assunto sobre o qual se especulou teoricamente, tendo surgido, com as fundamentações possíveis, propostas interessantes. Para além da versão de complexo termal assente, em parte ou no todo, no criptopórtico, apareceram as hipóteses que colocam no criptopórtico estruturas de armazenagem junto a esta área portuária da cidade romana, ou mesmo uma praça (ou *forum*) portuária com vocação comercial (Fig. 1) a que estariam também associadas algumas funções religiosas relacionadas com o culto a Esculápio.

O facto de o monumento ser subterrâneo, estar inundado em permanência e de sobre ele ainda atualmente assentarem imóveis e vias públicas, a que acresce a reduzida ambição dos serviços culturais da Câmara Municipal de Lisboa por tudo o que não fosse tão-somente a sua anual abertura ao grande público através de um alçapão no meio da rua (envolvida em peculiar aparato institucional) funcionaram sempre como grandes condicionantes ao seu estudo, conservação e divulgação com conhecimento cientificamente consolidado da sua função e cronologia, até a dinâmica da reabilitação urbana da Baixa Pombalina abrir a oportunidade de realização de intervenções arqueológicas enquadradas num Projeto de Investigação Plurianual em Arqueologia (PIPA).

## 2. O PROJETO CRLX

Os objetivos do Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx), desenvolvido pela Câmara Municipal de Lisboa (CML), entre

2016 e 2020, já oportunamente divulgados (Caessa & Mota, 2021, pp. 163-202), visavam essencialmente conhecer, conservar, valorizar e divulgar, assegurar o papel da CML e classificar o monumento que melhor ficou preservado da antiga cidade romana, mantendo a sua função alicerçante até ao presente.

A estes acrescia o objetivo de observar, na intenção de assegurar a manutenção das virtudes do projeto de estudo e valorização, para além dos seus prazos, garantindo a continuidade e regularidade das ações de monitorização, manutenção e conservação preventiva, bem como a minimização da dispersão de informação, através de canais eficazes de comunicação com os serviços camarários que procedem aos licenciamentos de obra e com a Direção Geral do Património Cultural (DGPC) que autoriza a realização dos trabalhos arqueológicos.

## 3. CONHECER

### 3.1. A bibliografia e as fontes documentais

Para cumprir este objetivo foram trabalhados dois vetores distintos e fundamentais: a compilação e sistematização da informação arquivística e bibliográfica disponível e a execução de intervenções arqueológicas.

O primeiro foi desenvolvido através de consultas de processos de arqueologia na DGPC, nas bases de dados e fundos do Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT), nos Reservados da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), na Biblioteca e Arquivo Histórico do Vale do Pereiro (antigo Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas – AHMOP), na Biblioteca Central da Marinha (BCM), no Arquivo e Biblioteca Pública de Évora (ABPE), no Arquivo Municipal de Lisboa, na Hemeroteca Municipal de Lisboa e no Arquivo Histórico da EPAL.

Esta tarefa permitiu reanalisar o mais variado tipo de dados sobre o monumento, desde a informação mais antiga à mais recente, da mais amadora e até fantasiosa à mais científica.

A consulta e revisão das fontes diretas contribuiu para o esclarecimento de incongruências e imprecisões de alguma da bibliografia que foi sendo produzida, naturalmente prejudicada pela confiança excessiva no recurso às fontes indiretas.

Exemplo disso é a tradução do Latim para Português do texto da autoria de Frei José de São Lourenço integrado na obra manuscrita, de 1780 (fólio 3 do códice nº 395 – *Monumenta Selecta* – do fundo

documental do Mosteiro de Alcobaça), realizada no âmbito do projeto (colaboração da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Rosário Calisto Laureano Santos, professora auxiliar do Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa), que deixa claro que, pelo menos à data em que escreveu esse texto, aquele frade embora estabeleça paralelos com as catacumbas de Roma, declara ser de opinião não ser esse o caso do monumento subterrâneo de Lisboa, apresentando justamente as suas razões e simultaneamente enumerando algumas características do edifício que visitou pessoalmente.

Outro exemplo de fonte um pouco descurada, neste caso em favor da interpretação que dela apresenta Borges de Figueiredo (1889, pp. 23-35) e das ilustrações que a acompanhava (Freitas, 1859), é a memória manuscrita de Francisco Martins de Andrade de 1859 (Andrade, 1859), descrevendo as estruturas descobertas na Rua da Conceição (Fig. 2- A), mantendo-se praticamente desconhecida a transcrição completa e fiel dessa memória, publicada por Eduardo Luiz Ruivo Serpa (Serpa, 1963).

Foi possível, também, por exemplo, perceber que a, por vezes referida na bibliografia, mas praticamente desconhecida e ao que se sabe desaparecida, planta da autoria de Francisco de Almeida e Silva é também datada de 1859 e ainda é possível conhecê-la através da sua publicação na Ilustração Portuguesa (Martins, 1909).

Para além do esclarecimento de questões antigas, o levantamento sistemático permitiu ainda a descoberta de novas fontes. De entre estas destaca-se o levantamento publicado no jornal “O Século” (1937), onde é registado o levantamento das estruturas romanas encontradas sob o edifício que faz esquina entre a Rua da Conceição e a Rua dos Correios, no lado ocidental, alinhadas com o criptopórtico (Fig. 2 - B). Informação relevante que deveria ser tida em conta nas investigações respeitantes ao Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios (NARC), uma vez que se trata de estruturas romanas descobertas anteriormente no mesmo edifício pombalino.

O conhecimento aprofundado da documentação arquivística, das fontes, não seria, porém, o suficiente para esclarecer a função e a cronologia do monumento. Tendo em conta o conhecimento hipotético até então produzido sobre o assunto, assim como as bases imprecisas e incongruentes que serviram para a sua produção, tornara-se urgente realizar novas interven-

ções arqueológicas que trouxessem novas informações contextuais para a sua análise e interpretação.

Nesse sentido, tornou-se essencial definir uma área alargada para o projeto, a qual ultrapassava a área específica do criptopórtico, de forma a desenvolver as pesquisas na sua envolvente, aproveitando, no cumprimento da regulamentação dos PIPAs, a comunicação atempada da DGPC sempre que autoriza uma intervenção arqueológica na área abrangida pelo projeto, promovendo a frutífera partilha de informação e colaborações entre os intervenores e os titulares do projeto de investigação.

A DGPC informou quase sempre os responsáveis do CRLx das autorizações concedidas para trabalhos arqueológicos na área abrangida pelo projeto (e os autorizados) da existência do projeto e da necessidade de partilha de informação. Em algumas ocasiões foi possível transformar os trabalhos arqueológicos que obrigatoriamente acompanham essas operações urbanísticas em oportunidades de investigação; noutras ocasiões, nomeadamente na via pública, o trabalho arqueológico realizado ficou sempre condicionado às dimensões das valas e às respetivas cotas de afetação.

## 3.2. As intervenções arqueológicas do CRLx

### 3.2.1. Rua da Conceição, 71-77

A primeira escavação decorreu em 2015 e permitiu expor a parte superior exterior do criptopórtico romano, até então apenas vista e descrita em meados do século XIX.

A escavação do piso térreo do edifício pombalino da Rua da Conceição 71-77 (três sondagens de diagnóstico, em 2015, e a escavação alargada, em 2019) tinha como um dos objetivos a criação de um novo acesso ao interior do criptopórtico (objetivo antigo que conduziu à aquisição da loja pela CML na década de 1980, tornando a CML coproprietária do imóvel). A intervenção arqueológica anulou a possibilidade da criação de um novo acesso ao interior do monumento neste local, devido à existência de vestígios arqueológicos estruturais bem conservados, nomeadamente de um pavimento pétreo policromático assente em parte sobre o criptopórtico (sobre as suas galerias abobadadas maioritariamente construídas com silhares e *opus caementicium*) (Fig. 2 - C). Neste pavimento foi possível reconhecer o assentamento de uma das bases de coluna que delimitaria o espaço central do *frigidarium*. Foi também possível a identificar parte de um tanque de banhos forrado a már-

more, igualmente registado numa das sondagens parietais da escavação arqueológica que decorreu, entre 2016 e 2017, na Rua da Prata 45-51/ Rua de São Julião 86-106. A identificação de parte do sistema de drenagem das termas romanas, consubstanciado num dreno abobadado (já registado em meados do século XIX) que descarrega para uma bem conservada e bifurcada cloaca que, pese embora a dificuldade de acesso e o facto de estar em parte entulhada, foi possível explorar e registar (Fig. 2 - n.ºs 1 e 2). Com base na informação conhecida e disponível, esta será a mais extensa e melhor conservada cloaca romana encontrada (até ao momento) em Lisboa.

Mas a mais notável estrutura arqueológica identificada nesta escavação, no topo do criptopórtico, não era romana, mas sim uma pequena mesquita medieval islâmica com os vestígios da *kibla* e do *mihrab* (Caessa & *alii*, 2016, pp. 220-221; Caessa & *alii*, 2018, pp. 521-535).

### 3.2.2. Rua da Prata, 45-51 / Rua de São Julião, 86-106

A impossibilidade de criação de um novo acesso ao interior do criptopórtico, sem colocar em causa a sua integridade, na Rua da Conceição 71-77, fez reequacionar esta questão essencial à valorização do monumento.

Nesse sentido, e dado que o edifício de esquina entre a Rua da Prata e a Rua de São Julião, devoluto e em fase de licenciamento para obras de reabilitação, estava também assente sobre o criptopórtico, foram estabelecidos os necessários contactos institucionais com os representantes dos proprietários para transformar os trabalhos arqueológicos, exigidos pela regulamentação em vigor, numa oportunidade de investigação arqueológica sobre o criptopórtico, não limitada por cotas de afetação de obra.

Era do conhecimento dos arqueólogos municipais, que este edifício pombalino, sito na Rua da Prata 45-51 / Rua de São Julião 86-106, possuía, desde 1913, uma cave, cuja construção necessariamente intercedera o monumento, sendo de prever que nas paredes Norte da cave se encontrassem emparedadas, pelo menos algumas das galerias visitáveis.

Face à necessidade de execução de seis sondagens geotécnicas (executas enquanto sondagens de diagnóstico prévias) para a avaliação estrutural, numa altura em que os arqueólogos municipais se encontravam sem agenda para este trabalho, contactou-se um arqueólogo independente, associado à empresa

Arqueohoje, Lda., para este procedimento prévio. Estas sondagens realizadas no interior da cave resultaram, desde logo, na identificação de estruturas relacionadas com o criptopórtico.

Concluído este curto episódio e com a entrada em campo da equipa de arqueologia municipal, no âmbito do projeto de investigação, realizaram-se quase três dezenas de sondagens alargadas, algumas das quais parietais. Foi nesta intervenção arqueológica que se percebeu a possibilidade de criação de um novo acesso, seguro e inclusivo ao interior das galerias. Após a remoção dos rebocos dessas paredes, foi identificada uma das galerias, no caso a chamada, “Galeria das Nascentes” (Fig. 2 - F). O moroso e delicado trabalho de desobstrução (cerca de 7,5m) do troço da galeria entre a cave e a área visitável (apoiado por engenheiros da Direção Municipal de Projetos e Obras e da DGPC) demonstrou a possibilidade real da criação de um novo acesso ao interior do criptopórtico através desse local.

De entre as descobertas mais importantes aqui realizadas, salientam-se a identificação do limite ribeirinho do criptopórtico (Fig. 2 - D) e a identificação de espaços inéditos da arquitetura do edifício: um acesso na frente de rio e uma estrutura de drenagem até então desconhecida (Fig. 2 - n.º 3); duas galerias inéditas cuja construção foi planeada, pelo menos num dos casos iniciada, mas que nunca foram terminadas; um tanque revestido a *opus signinum* e acabamento interior em lajes de mármore branco, em posição simétrica e equivalente ao que foi identificado e descrito no século XIX.

Os dados obtidos nesta intervenção permitiram tirar conclusões a respeito das técnicas construtivas, dos materiais usados e das contingências da obra do criptopórtico (entrada de água no interior ainda em Época Romana) e estabelecer algumas cronologias: a construção em meados do século I; a entrada accidental da água no interior das galerias subterrâneas ainda durante o processo de obra ou pouco depois; a provável desativação parcial e funcional da área subterrânea a partir do século III e o desmonte parcial entre os séculos IV/ V (Mota & Martins, 2018, pp. 78-101; Caessa & *alii*, 2020, pp. 72-91; Caessa & Mota, 2023, pp. 219-229).

Uma outra intervenção arqueológica de natureza empresarial foi, recentemente, iniciada no restante quarteirão pombalino (a Oeste), esperando-se que os dados daí resultantes contribuam para o conhecimento científico do monumento.

### 3.2.3. Rua de São Julião, 78-84/ Rua da Prata, 46-50

Entre os finais de 2017 e os inícios de 2018, decorram, no nº 80 da Rua de São Julião, os trabalhos arqueológicos no local a afetar pelo poço de elevador, desenvolvidos por uma equipa da empresa Era, Arqueologia, S.A.

No âmbito do PIPA a decorrer, a DGPC informou os arqueólogos responsáveis pela intervenção da necessidade da partilha de informação com os titulares do CRLx, criando-se uma frutífera colaboração.

No entanto, quando a cota de afetação da obra foi atingida, a profundidade da escavação pretendida para o poço do elevador não permitia o registo de qualquer estrutura ou contexto relacionado com o criptopórtico. Esta escavação apresentava-se, à partida, como uma oportunidade única para esclarecer uma das dúvidas de sempre sobre o edifício romano subterrâneo: o seu prolongamento para Nascente, parte nunca devidamente registada (mesmo antes e aquando da construção do coletor central da Rua da Prata, em 1773).

Tendo os arqueólogos da empresa de arqueologia garantido o cumprimento da tarefa contratualizada, poderia esta ser uma oportunidade perdida para a investigação científica a respeito do criptopórtico. Conjuntamente, porém, foi acordada a concessão de cinco dias para prossecução da escavação do local em profundidade, através de uma adenda ao Pedido de Autorização de Trabalhos Arqueológicos existente e sem qualquer custo para o promotor privado.

A continuação da escavação coube aos arqueólogos titulares do CRLx e, pouco abaixo da cota de afetação da obra, foram identificados contextos e estruturas de época romana, nomeadamente os vestígios de um hipocausto e de uma das galerias do criptopórtico até então desconhecida (Fig. 2 - E).

Ficou assim comprovado, numa pequena e de curta duração intervenção arqueológica, o prolongamento do criptopórtico para Nascente, pelo menos até àquele local, muito contribuindo para o completar da planta deste edifício romano subterrâneo agora melhor conhecido na sua quase totalidade.

### 3.2.4. Intervenções arqueológicas na via pública dentro da área do projeto

Em Setembro de 2016, decorreu uma intervenção arqueológica entre os n.ºs 45-51 da Rua da Prata (passeio Oeste), por necessidade de abertura de uma vala para instalação de novas tubagens de es-

coamento para a rede pública das águas do interior do criptopórtico e de ligação à corrente elétrica da bomba de água automática permanente, respondendo a uma solicitação do Museu de Lisboa e do Regimento de Sapadores Bombeiros.

Dos trabalhos arqueológicos contratados à empresa Neoépica, Lda. não resultaram, devido à cota de afetação, evidências do monumento romano.

Este caso paradoxal é exemplo da dificuldade de comunicação entre serviços: uma obra promovida pelo Museu de Lisboa/ EGEAC, para a instalação de um sistema de drenagem das águas do criptopórtico, em que faltou justamente uma intervenção programada, mais dilatada e articulada com o projeto de investigação que permitisse atingir e obter uma leitura horizontal dos pavimentos de mármore identificados em 1859 sobre o criptopórtico.

Em Agosto de 2017, decorreu uma outra intervenção arqueológica na via pública, entre os n.ºs 45-51 da Rua da Prata e o n.º 84 da Rua de São Julião 84, para trabalhos de instalação de infraestruturas.

Os trabalhos arqueológicos, realizados pela empresa Cota 80-86 Unipessoal Lda., não permitiram novamente evidenciar estruturas romanas, traduzindo-se em mais uma oportunidade de investigação científica perdida para o CRLx.

### 3.2.5. Estudos de espólio arqueológico, levantamentos e recriações arquitetónicas

Diversos trabalhos foram realizados no sentido de conhecer melhor o monumento, através das parecerias estabelecidas com instituições e investigadores. As intervenções arqueológicas proporcionaram a recolha de espólio variado (do qual se destacam os elementos arquitetónicos e os vestígios das janelas das termas), cujo tratamento e estudo foi entregue aos parceiros externos e a vários colaboradores investigadores no âmbito ou não de trabalhos académicos<sup>4</sup>.

4. Os sedimentos foram entregues a Ana Costa, do Laboratório de Arqueociências da Direção Geral de Património Cultural; as cerâmicas de época romana a Carolina Grilo e a Rui Roberto de Almeida, da Uniarq - Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; as cerâmicas medievais a Mariana Chaves, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; os elementos decorativos, arquitetónicos, escultóricos e pictóricos de época romana, a Filomena Limão, Departamento de História de Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; os estudos de Litologia e Petrologia, a Eva Leitão, do CAL; os elementos faunísticos,

Realizaram-se também levantamentos, com recurso a "Laser Scanner 3D" e a Georadar/GPR, das estruturas arqueológicas escavadas na Rua da Prata 45-51 / Rua de São Julião 86-106, com a colaboração do Laboratório Hércules e do Instituto de Ciências da Terra da Universidade de Évora; o levantamento fotogramétrico digital 3D das estruturas escavadas na Rua da Conceição 73-77, realizado pela Iberian Landscapes, Lda.; o levantamento com Fotogrametria 3D do interior das galerias visitáveis pela empresa Empatia - Arqueologia, Lda.

Estes levantamentos foram essenciais para estabelecer uma base rigorosa que permitisse a futura recriação arquitetónica a partir dos resultados das escavações.

Na demanda do conhecimento científico, este projeto pautou desde o início pela essencial articulação entre a arqueologia e a arquitetura. As recriações arquitetónicas produzidas pelo Arq.<sup>o</sup> Pedro Vasco Martins, especialista em arquitetura clássica e urbanismo antigo, investigador na Forma Urbis LAB, da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, parceira externa do CRLx, permitiu que a investigação desenvolvida em torno do criptopórtico romano ganhasse em cada fase da investigação uma dimensão volumétrica para testar hipóteses de reconstituições, fundamentadas nas realidades arqueológicas verificadas, e em paralelos conhecidos, tendo também em consideração toda a informação arqueológica existente na envolvente do monumento.

#### 4. CONSERVAR O MONUMENTO

As ações do CRLx realizadas neste âmbito foram sobretudo e essencialmente tarefas de diagnóstico e de monitorização do monumento. Dessas ações de avaliação do estado de conservação da parte visitável dessa estrutura arqueológica subterrânea, inundada em permanência há muitos séculos, bem como do seu comportamento face às mais diferentes circunstâncias atuais, dependiam inúmeras ações de conservação preventiva que seriam realizadas à medida das necessidades e das quais dependeriam as opções propostas no futuro projeto de conservação, restauro e engenharia a concretizar. Este projeto deveria

garantir, em absoluto e em qualquer circunstância, a integridade do monumento e, simultaneamente, dotá-lo de condições claramente mais favoráveis de acessibilidade pública.

##### 4.1. Monitorização de fissuras, infiltrações, estabilidade estrutural e condensação

A leitura trimestral dos registos dos "fissurómetros" instalados, por iniciativa do Museu da Cidade (hoje Museu de Lisboa), em 2006, no interior da chamada "Galeria das Nascentes", interrompida desde Setembro de 2011, foi desde Abril de 2016 assumida pela CML, no âmbito do CRLx. A monitorização da fissura que atravessa longitudinalmente essa galeria no pavimento e na abóbada mantém-se imprescindível, dadas as características do substrato geológico da Baixa Pombalina e as perturbações a que tem sido sujeita, provocadas entre outros fatores por inúmeras pressões urbanísticas e pela trepidante circulação do elétrico 28.

Ainda no mesmo campo de preocupações foi elaborado, em 2018, um caderno de encargos para o procedimento de execução de uma prospeção geotécnica e hidrogeológica na área imediatamente envolvente ao criptopórtico romano. Previa-se a realização de sondagens à percussão com recuperação de amostras, ensaios de penetração dinâmica e a colocação de uma rede de piezómetros para a realização de um estudo hidrogeológico de longo prazo (a qual se pretendia, a partir deste projeto, estender à área total da Baixa de Lisboa para uma monitorização preventiva e alargada das águas subterrâneas). Este caderno de encargos, produzido pelos parceiros internos, nomeadamente geólogos de vários serviços municipais, como a Divisão de Uniformização e Fiscalização Urbanística e a Divisão de Cadastro e parceiros externos da Unidade de Hidrogeologia do Laboratório Nacional de Energia e Geologia (LNEG) e da A2P Engenharia, procurava dar resposta a várias questões técnicas antes da realização dos projetos de engenharia, conservação e restauro. Esta ação prévia aos trabalhos de conservação e restauro foi, porém, superiormente adiada, associada ao futuro projeto de conservação e restauro.

A existência de infiltrações de esgoto para o interior das galerias visitáveis foi investigada entre finais de 2017 e os inícios de 2018, com recurso aos meios humanos e técnicos disponíveis em diferentes serviços municipais, parceiros internos do CRLx. O Laboratório de Bromatologia do Departamento de

---

a Ana Beatriz Santos; os elementos orgânicos (sobretudo as madeiras romanas) a Ginevra Coradeschi do Laboratório Hércules da Universidade de Évora e do Laboratório de Arqueobotânica da Universidade de Cagliari, na Sardenha.

Saúde, Higiene e Segurança da CML (LB/DSHS), colheu amostras da água que inunda o monumento. A análise laboratorial comprovou a contaminação por esgoto doméstico. Os resultados das análises inviabilizaram, até à resolução definitiva do problema detetado, as habituais visitas bianuais do público ao interior das galerias.

Com a colaboração da Divisão de Saneamento (DS) e da Unidade de Intervenção Territorial – Centro Histórico (UIT-CH), também parceiros internos do CRLx, foram realizadas as ações necessárias para estancar as referidas infiltrações. Esses trabalhos decorreram nos finais de 2019, o problema foi eficazmente solucionado e as visitas ao interior do monumento retomadas.

Outra questão, surgida na sequência da desobstrução de parte do emparedamento Sul da chamada “Galeria das Nascentes” durante a intervenção arqueológica na Rua da Prata 45-51 / Rua de São Julião 86-106 e das demolições que transformaram e/ou eliminaram paredes na cave e na loja desse edifício, foi a da condensação excessiva, habitual no interior do monumento, mas desde a desobstrução, também nas áreas de cave e loja recentemente adquiridas pela CML para a criação do novo acesso e instalação do centro de acolhimento e interpretação.

Numa ação de colaboração entre parceiros internos do CRLx, a Divisão de Salvaguarda de Património Cultural (DSPC) e a Divisão de Projeto e Fiscalização de Instalações Elétricas e Mecânicas (do Departamento de Projeto e Construção de Equipamentos da Direção Municipal de Projetos e Obras), foi diagnosticado o problema e apresentada uma proposta de solução temporária (até à concretização dos projetos de especialidades que o local viria a merecer), assentes na criação de circuitos de circulação de ar e arejamento natural dos espaços.

## 5. VALORIZAR O MONUMENTO

Um dos aspetos essenciais para a valorização do monumento foi a compra de parte da loja e da cave do imóvel nº 45-51 da Rua da Prata/ nº 86-106 da Rua de São Julião, o primeiro passo para a realização do novo acesso ao interior das galerias e para a instalação do centro de interpretação do monumento.

No campo da valorização decidiu-se integrar in situ de algumas das estruturas arqueológicas escavadas na parte da cave recentemente adquirida pela CML, durante a intervenção arqueológica.

Em 2017, foi elaborado um “Programa Preliminar de Museologia”, com a colaboração do Museu de Lisboa (também parceiro interno do CRLx), com o objetivo de indicar as necessidades básicas em termos espaciais e funcionais dos futuros projetos de museologia e museografia, a levar em consideração aquando da elaboração do projeto de arquitetura para a cave e a loja.

No que respeita a soluções museológicas para o futuro centro interpretativo, foi elaborada a proposta de “Reconstrução dos vestígios do hipocausto das Termas Portuárias de *Felicitas Iulia Olisipo* – Memória Descritiva”. No decorrer da intervenção arqueológica realizada na Rua de São Julião, 78-84/ Rua da Prata, 46-50, (local onde se encontraram os evidentes vestígios do hipocausto associado à parte quente das termas portuárias) foi tomada a decisão, pelos arqueólogos no terreno, de não se descartar qualquer espólio arqueológico, nomeadamente o cerâmico de construção (relacionado com as *pilae*) e os fragmentos de placa em *opus signinum* (relacionados com a *suspensura*). Esta opção de recolha indiscriminada de material, à partida indiferenciado, permitiu mais adiante reconstruir e restaurar, em laboratório, um fragmento desta infraestrutura de aquecimento e propor a sua devolução ao monumento e ao público, enquanto peça expositiva a integrar no futuro centro interpretativo e de acolhimento da Rua da Prata.

Iniciou-se também o processo de elaboração do “Criptopórtico Romano de Lisboa: Centro Interpretativo – Projeto de Execução de Arquitetura e Especialidades”, ficando a parte de Arquitetura a ser desenvolvida por técnicos da DSPC.

## 6. DIVULGAR A DIVERSOS NÍVEIS E A DIFERENTES PÚBLICOS

Todas as oportunidades foram aproveitadas para difundir o CRLx em todas as suas vertentes, pela comunidade. No que respeita à comunidade científica nacional e internacional, este objetivo desenvolveu-se, desde 2016, através de conferências e na participação em encontros científicos, que tinham o potencial para funcionar como plataformas para a reflexão partilhada e a troca de ideias entre os diversos putativos interessados neste assunto.

Desse universo destacam-se aqueles que resultaram em publicações científicas com maior alcance, nomeadamente nas III Jornadas Internacionais de Idade Média realizadas em Castelo de Vide, em

2017, no que concerne à mesquita medieval (Caessa & alii, 2018, pp. 521-535), e o XIX Congresso Internacional de Arqueologia Clássica, realizado em Colónia/ Bona, em 2018 (Caessa & Mota, 2023, pp. 219-229), neste último com uma notável aceitação da interpretação das termas portuárias pelos investigadores estrangeiros.

Pensando no grande público, foi realizado (com recurso aos meios técnicos e humanos das parcerias internas do projeto, nomeadamente a Videoteca Municipal) um "teaser" promocional do CRLx sobre a intervenção arqueológica na Rua da Prata 45-51 / Rua de São Julião 86-106, que se encontra disponível em <https://vimeo.com/162104583#t=12>.

Um momento alto do CRLx foi a participação, em 2016, na galardoadada série documental "Ingenieria Romana - Las Ciudades (2)", co-produzido pela Digivision e a TVE, apresentado e distribuído em 2019, embora não refletindo os resultados das últimas intervenções arqueológicas.

Desde o início de 2019, o CRLx beneficiou da página de "Facebook" do CAL, mas também dos outros meios abertos pela implementação do abrangente projeto de divulgação municipal Lisboa Romana | *Felicitas Iulia Olisipo*, projeto criado no âmbito do CRLx e da Agenda Digital para a Cultura da CML (Mota & alii, 2016), que acabaria por integrar o CRLx e respetivo financiamento.

Durante o confinamento devido à pandemia causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, foi ainda lançado, em 2020, um "videocast" intitulado "Galerias Romanas da Rua da Prata: o Criptopórtico das Termas Portuárias de *Felicitas Iulia Olisipo*", da autoria de Nuno Mota, Ana Caessa e Pedro Vasco Martins, disponível em <https://www.facebook.com/watch/?v=636955127162759>.

Outra ação de impacto significativo na divulgação pública do CRLx foi a solução encontrada para cobrir os vidros das portas e montras da loja da Rua da Prata 45-51 / Rua de São Julião 86-106, através de cartazes ilustrados, com informação bilingue, sobre o monumento e o projeto, assinalando ainda o local por onde, no futuro, será feito o acesso ao interior das galerias. Para além de proteger dos olhares públicos o espaço expectante, as telas têm assegurado, em permanência, a comunicação do que aconteceu e continua a acontecer (?) naquele espaço, ao mesmo tempo que descrevem, explicam e enquadram o monumento subterrâneo que, até então, não tinha qualquer sinalização na paisagem urbana.

O impacto positivo das telas informativas que foram colocadas nas montras da loja desde cedo pode ser comprovado pelo facto de se terem tornado ponto de paragem nos percursos pedestres patrimoniais e turísticos que diariamente são efetuados na Baixa Pom-balina, em vários idiomas e por diversos operadores. Num circuito mais fechado, atendendo ao facto de o CRLx ter sido um projeto municipal multidisciplinar que reuniu inúmeros parceiros internos e externos, consultores e colaboradores, e considerando o desafio da comunicação e partilha de informação entre todos os envolvidos, surgiu o Boletim CRLx (anual). Nestes boletins era apresentado, de forma sintética, o balanço de cada ano, informando sobre as ações realizadas, a realizar e a investigação a decorrer. O que começou por ser um documento interno para circular entre os mais diretamente envolvidos no projeto, porventura fruto do elevado número de pessoas e/ou entidades envolvidas e da iniciativa de o difundir pelos seus contactos foi, muito proveitosamente, extravasando o círculo inicial do projeto, atingindo um público muito mais vasto.

## 7. ASSEGURAR O PAPEL DA CML SOBRE O MONUMENTO

Os esforços desenvolvidos para assegurar o papel da CML sobre o monumento resultaram na aquisição da loja e do espaço de cave da Rua da Prata 45-51 (em Maio de 2018), por onde se fará o novo acesso ao interior das galerias e onde se localizará o futuro centro de acolhimento / interpretação do monumento. Este esforço que levou à aquisição da loja deveu-se diretamente à vontade da Sr.<sup>a</sup> Vereadora da Cultura, Dr.<sup>a</sup> Catarina Vaz Pinto, presença habitual na escavação arqueológica que acompanhou com o maior interesse, assim como o projeto, e ao Dr. Fernando Medina, então Presidente da CML, que *in loco* decidiu a área total de espaço a adquirir, o que, na altura, parecia garantir o desenvolvimento de todos os objetivos propostos no CRLx.

Para além disso, poderá considerar-se que o empenho demonstrado pela CML no CRLx ao longo do desenvolvimento do projeto é o reflexo do interesse da autarquia no monumento, reforçando o papel da edilidade também em termos de opinião pública.

## 8. CLASSIFICAR O MONUMENTO

Até à implementação e desenvolvimento do CRLx, as lacunas existentes no conhecimento arqueológico daquela estrutura subterrânea de época romana (em que nem a área de implantação era seguramente conhecida) condicionaram sempre negativamente um processo de classificação, embora a sua integração em área de servidão administrativa do NARC, classificado em 2015 como Monumento Nacional, a sua localização no Conjunto de Interesse Público da Baixa Pombalina e a sua sinalização em área de sensibilidade arqueológica de nível I, no Plano Diretor Municipal (PDM) e no Plano de Pormenor de Salvaguarda da Baixa Pombalina, lhe concedessem alguma proteção.

A iniciativa de elaboração de uma proposta de classificação do criptopórtico partiu recentemente, em 2023, da DGPC, através da Divisão de Inventário, Classificações e Arquivo (DICA), que solicitou o devido apoio aos arqueólogos titulares do CRLx para efeitos de instrução do processo.

Um das questões fundamentais para a prossecução do procedimento foi a definição não meramente semântica do objeto classificável, de umas “galerias romanas”, mas sim de um criptopórtico que sabemos já e através do conhecimento científico, pertencer às termas portuárias de *Felicitas Iulia Olisipo*.

Nesse sentido foi já entregue à tutela uma planta geral da área que as termas romanas ocupam além da área do criptopórtico, esperando-se que, independentemente de algumas vontades mais processualistas, a nomenclatura do monumento seja refletida no diploma de acordo com a sua interpretação, estabelecida na evidência arqueológica.

## 9. CRLx: O BALANÇO POSSÍVEL

Os objetivos dedicados ao conhecimento e à divulgação científica foram amplamente cumpridos. A evidência arqueológica adquirida em 1859, 1937 e 2015-2020 permitiu obter a configuração geral do equipamento balnear, o maior destes equipamentos até agora identificado em Lisboa, com uma área de 2500 m<sup>2</sup>. A conjugação da análise arqueológica e arquitetónica resultou na constatação de uma composição espacial e funcional simples de tipo linear. A diferença de altimetria entre a plataforma superior e a inferior deve-se à instalação do hipocausto sobre as galerias mais baixas, criando pavimentos e es-

paços elevados aquecidos perfeitamente nivelados (Fig. 2). Esta solução arquitetónica tem inúmeros paralelos no mundo romano, já devidamente demonstrados (Caessa & alii, 2020, pp. 72-91). A construção de termas portuárias nas cidades romanas é um fenómeno comum, sendo exemplos mais próximos os casos de Barcelona, Tarragona, Cartagena ou *Baelo Claudia*. No caso de Lisboa, a necessidade de recorrer a um criptopórtico para a instalação deste equipamento, encontra justificação na escolha do local, em terrenos parcialmente conquistados ao rio, e com pouca capacidade de suportar estruturas de grande dimensão.

Os objetivos dedicados à classificação, conservação e valorização por não estarem dependentes dos arqueólogos que preconizaram o projeto de investigação e de salvaguarda do monumento, ficaram sujeitos às opções próprias da hierarquia de coordenação municipal do projeto e, no que concerne à classificação, ao processo desencadeado pela DGPC, no início de 2023.

O cumprimento de todos os objetivos de um projeto como o CRLx estaria, à partida, assegurado pelo facto de se tratar de um projeto da CML, a qual possui um vasto conjunto de recursos e valências próprias, em termos de meios humanos, técnicos, logísticos e financeiros e ainda os canais que permitem o estabelecimento das necessárias parcerias externas. Terminado o prazo do PIPA constata-se que nem sempre é simples acionar esses mesmos recursos (e até parcerias) que estão dependentes, por vezes, de contextos políticos, burocráticos e financeiros mais ou menos favoráveis e que ocasionam a redefinição de prioridades. Exemplo disso foi a integração do CRLx, Projeto de Investigação Plurianual em Arqueologia, financiado pela CML através das verbas relativas às contrapartidas do Casino de Lisboa, no ambicioso projeto de divulgação, Lisboa Romana | *Felicitas Iulia Olisipo*, também promovido pela CML, em que são parceiros quase todos os municípios da área metropolitana de Lisboa.

Durante o desenvolvimento do CRLx destaca-se a boa relação desenvolvida entre várias instituições públicas e privadas, bem como com particulares, o que permitiu transformar trabalhos arqueológicos decorrentes de operações urbanísticas no interior de imóveis e, enquanto tal, em princípio, limitados às necessidades de obra, em oportunidades de investigação arqueológica. Pode afirmar-se que esta concertação de interesses e de esforços muito diferentes

é uma prova de que, com tolerância, diplomacia, generosidade, vontade e empenho, há muito que pode ser feito em benefício da investigação, conservação e valorização do património arqueológico da cidade. A persecução do último objetivo do CRLx, o de observar, irá perdurar no tempo. Mas o cumprimento deste objetivo não caberá já aos titulares do projeto, mas sim a todos os que se interessam pela salvaguarda do património cultural. Cabe a toda a comunidade arqueológica, interessada pela abordagem científica, fazer a crítica das interpretações da “praça”, pois ela (a apreciação crítica) constitui também uma (des)valorização do objeto patrimonial. É preciso decidir se a forma e os termos como este monumento é interpretado e divulgado (e portanto usufruído) refletirá o uso de premissas científicas para a produção de conhecimento ou tão-somente a imagética resultante da escolástica feudal instituída pelos “suspeitos do costume”.

## FONTES MANUSCRITAS

ANDRADE, Francisco Martins de (1859) – *Memória acerca d’ uns restos de Thermas Romanas existentes em Lisboa, acompanhada de nove desenhos coloridos tirados escrupulosamente sobre os próprios sítios, com a medição correspondente*. (Biblioteca Nacional de Lisboa, Coleção de Reservados, COD. 7619).

FREITAS, José Valentim de (1859) – *Desenhos a que se refere a memória acerca d’uns restos de Thermas Romanas existentes em Lisboa tirados escrupulosamente sobre os próprios sítios com medição correspondente* (Biblioteca Nacional de Lisboa, Coleção de Iconografia, DES. A 8, cota antiga: Ms. II, nº 162 a, I a VI).

SÃO LOURENÇO, Frei José de (1780) – *Monumenta Selecta* (Biblioteca Nacional, Coleção de Reservados, COD. Alcobaca, nº 395, fólio 3).

## BIBLIOGRAFIA

\_\_\_\_ (1937) – Os segredos do sub-solo de Lisboa. *Jornal O Século*. 25 de Julho. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia, p. 9.

CAESSA, Ana; NOZES, Cristina; MOTA, Nuno (2016) – Novas descobertas no criptopórtico romano de Lisboa: Rua da Conceição, 75-77 (primeira fase). *Revista Almadan*. Almada. 2ª Série. 20, pp. 220-221.

CAESSA, Ana; NOZES, Cristina; MOTA, Nuno (2018) – Uma mesquita no arrabalde ocidental de al-Ušbûna. In ANDRADE, Amélia Aguiar; TENTE, Catarina; SILVA, Gonçalo Miguel; PRATA, Sara, eds. – *Espaços e Poderes na Europa Medieval* (Coleção Estudos; 18). Lisboa: IEM – FCSH/UNL e Câmara Municipal de Castelo de Vide, pp 521-535.

CAESSA, Ana; MOTA, Nuno; MARTINS, Pedro Vasco (2020) – Criptopórtico: arqueologia e arquitetura de um equipamento portuário. In FABIÃO, Carlos, ed. – *Lisboa Romana. Felicitas Iulia Olisipo: A Morfologia urbana*. Vol. III. Lisboa: Caleidoscópico, pp. 72-91

CAESSA, Ana; MOTA, Nuno (2021) – CRLx: Um projecto de estudo e valorização do criptopórtico romano de Lisboa. In *II Encontro de Arqueologia de Lisboa: Arqueologia em Meio Urbano (Teatro Aberto, Lisboa, 22-24 de Março de 2018)*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, pp. 163-202.

CAESSA, Ana; MOTA, Nuno (2023) – A monumental structure on the riverfront: Archaeology and architecture of the *Felicitas Iulia Olisipo* cryptoporticus (Lisbon, Portugal). In BENTZ, Martin; HEINZELMANN, Michael, eds. – *Proceedings of the 19<sup>th</sup> International Congress of Classical Archaeology* (Cologne/ Bonn, 22-26 May, 2018). Heidelberg: Heidelberg University, pp. 219-229.

FIGUEIREDO, António Borges de (1889) – As thermas romanas da Rua Bella-da-Rainha (vulgo Rua da Prata) em Lisboa. *Revista Archaeologica*. Lisboa. III, pp. 22-35.

MARTINS, Francisco José da Rocha (1909) – Lisboa Subterrânea – as thermas romanas da Rua da Prata”. *Ilustração Portuguesa*, nº 191 (Outubro), pp. 481-487.

MOTA, Nuno; CAESSA, Ana; MARTINS, Pedro Vasco (2016) – Lisboa Romana / *Felicitas Iulia Olisipo* – Projeto Digital. Agenda Digital para a Cultura. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Disponível em: [https://www.academia.edu/51345343/Lisboa\\_Romana\\_Felicitas\\_Iulia\\_Olisipo\\_Projeto\\_Digital](https://www.academia.edu/51345343/Lisboa_Romana_Felicitas_Iulia_Olisipo_Projeto_Digital).

MOTA, Nuno; MARTINS, Pedro Vasco (2018) – Criptopórtico romano de Lisboa: arqueologia e arquitetura de uma estrutura portuária (um esboço preliminar). In *Meios, vias e trajetos...Entrar e sair de Lisboa* (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa, 2). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa e Secção de Arqueologia de Sociedade de Geografia de Lisboa, pp. 85-108.

SERPA, Eduardo (1963) – Memória acerca dos banhos da Rua dos Fanqueiros em Lisboa: manuscrito inédito de Francisco Martins de Andrade existente na Biblioteca Nacional de Lisboa lido e comentado. Lisboa: *Boletim da Sociedade Portuguesa de Espeleologia*. 2ª Série. 6, 1:1, 2º semestre, pp. 39-62.

SILVA, Augusto Vieira da (1934) – As termas romanas da Rua da Prata em Lisboa. *Anaes das Bibliotecas Museus e Arquivo Histórico Municipais*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Ano IV, 13, pp. 19-29 [reeditado em *Dispersos* de Augusto Vieira da Silva, volume II, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1966, pp. 309-320].



Figura 1 – Excerto de um folheto de divulgação presentemente disponibilizado no Museu de Lisboa/ Teatro Romano, insistindo na hipótese de um “Forum mercantil” sobre o criptopórtico (no lado esquerdo, ao fundo).

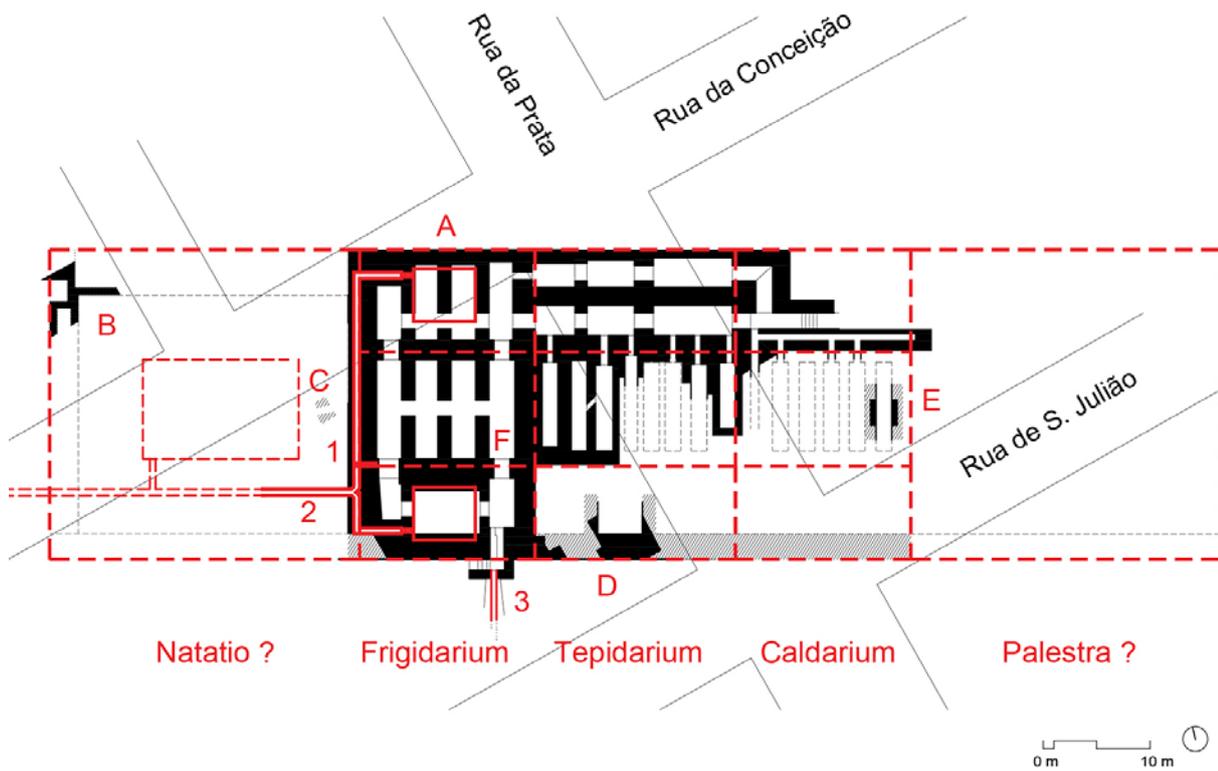
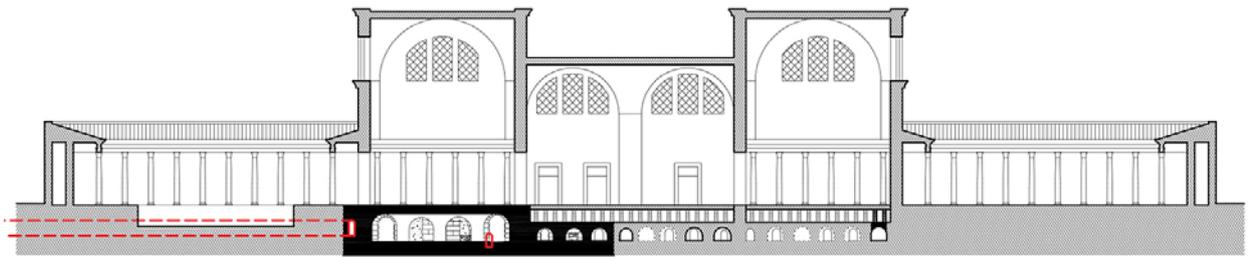


Figura 2 – Recriação das Termas Portuárias de *Felicitas Iulia* Olisipo em parte construídas sobre o criptopórtico, de acordo com a mais recente evidência arqueológica (Ilustração de Pedro Vasco Martins ©).





**AAP**  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

**MAC**  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

 **REPÚBLICA  
PORTUGUESA  
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

  
INSTITUTO  
ARQUEOLÓGICO E  
ETNOLÓGICO  
DEBESA + FACULDADE DE LETRAS - UC  
PALÁCIO DE SUB-RIPAS

  
**CENTRO DE  
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**  
CEIS30 | Universidade de Coimbra

  
**Centro de Estudos  
em Arqueologia,  
Artes  
e Ciências do Património**  
UI&D 281

**fct**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia  
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO  
CULTURAL**  
Responsável do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL  
DE MACHADO DE CASTRO**

**Coimbra**

 **seminário  
maior de coimbra**